

DIREITOS HUMANOS - UMA UTOPIA DE NOSSO TEMPO*

*Celso Renato Duvivier Albuquerque Mello***

Após a palavra de Antônio Celso, uma verdadeira lição de sabedoria, fica extremamente difícil ser o segundo orador. Meu objetivo é fazer uma palestra amena e abrir vários eixos para perguntas e debates posteriores.

O tema dos Direitos Humanos é aquele sobre o qual mais se escreve no mundo nos dias de hoje. Não há tema jurídico que consiga competir com ele. Olhem os catálogos dos países estrangeiros e verão que quase tudo é sobre Direitos Humanos. A pergunta, então, seria por que chegamos a isto? Por que, nesta época, neste momento que vivemos, é este tema que domina o Direito Internacional? Irei falar algo que à primeira vista vai parecer um pouco desarticulado, mas depois tentarei costurar os diferentes aspectos. Após a Primeira Guerra Mundial o nazifascismo incentivava extremamente a ginástica. Mussolini, "o grande campeão", incentivava a ginástica para todo o povo. É o culto do físico. O grande filósofo alemão, Edmundo Husserl, dizia que isto é necessário porque as gerações anteriores não se preocupavam com o físico. É a época em que vai haver um intenso debate sobre o socialismo. Ir ao cinema ver inúmeros filmes sobre a vitória popular, de Jean Renoir, na França dos anos 30, em que o povo dançava nas ruas de alegria porque iria ter um

* Palestra proferida em 11 de dezembro de 1999, no Seminário "Desafios do Direito Contemporâneo", na Mesa Redonda "Direitos Humanos no Final do Século XX".

** Integrante do Corpo Docente do Mestrado em Direito da Faculdade de Direito de Campos, Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ.

fim de semana remunerado e folgado. É neste período que surge uma visão socialista extremamente forte. Quase todos nós, intelectuais, fomos companheiros de estrada socialista. Quase todos os grandes autores e pintores o foram, tanto no exterior, como Picasso e tantos outros e no Brasil, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Graciliano Ramos. Todos acreditávamos que a fraternidade era perfeita e vivemos com este sonho.

Com a Segunda Guerra Mundial, o socialismo enfrenta sozinho a máquina de guerra alemã. Quando os aliados desembarcam na Normandia, o território soviético já estava liberado. Na União Soviética, a chamada Grande Guerra da Libertação Nacional perde vinte e nove milhões de pessoas, muito mais do que a própria Alemanha, e com ela também se reforça a idéia de proteger o homem. Basta lembrarmos do problema do crime de genocídio, as barbaridades da Segunda Guerra Mundial.

E assim, a filosofia vencedora em 45 é o existencialismo, que entende que temos ações que não interessam à nação e que a existência precede a essência e esta filosofia passa a ser adotada como modelo de vida. Ninguém é responsável por mim, mas eu sou responsável pela humanidade. Observa-se que neste período há uma grande dúvida: o socialismo da fraternidade ou o capitalismo do egoísmo, da luta incessante pelo lucro, da não realização do homem como ser humano.

E então entramos na chamada era do vazio, a era em que vivemos, da sociedade pós-moderna, aquela em que há uma indiferença da massa, há uma fragmentação do corpo social, o desengajamento que desemboca na indiferença. É época na qual o que interessa é o físico, é a aparência, ou melhor, o que interessa é o corpo. Todos têm tempo para "malhar", mas ninguém tem tempo para ler. Todos têm dinheiro para comprar uma camisa, mas não tem dinheiro para comprar um livro.

É preciso ter ao menos consciência de que estamos em um grande vazio. Vem a globalização e o que é esta globalização? Uma integração da economia feita por empresas transnacionais, gerando um pensamento único. Quem não for favorável a ela é um dinossauro, é um homem pré-histórico, é um homem que vive fora de sua época. Mas os homens que vivem

dentro da sua época fazem parte da massa. É preciso procurar aqueles que pensam diferente, é preciso ousar ser marginalizado. Marginalizados ficam aqueles que não possuem a aparência de um artista de cinema, ou por serem eternos socialistas. Mas a marginalização, nestes termos, é preferível à massificação. Nos Estados Unidos massificou-se uma significativa parcela da cultura, voltada para extratos médios e inferiores da sociedade, enquanto a cultura de elite continua privilégio de poucos.

E é nesta época, neste vazio, que surge a questão: precisamos de uma utopia. Habermas, um dos maiores filósofos alemães da atualidade, diz: "Uma sociedade sem utopia é um deserto." Mas o que é uma utopia? O escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano diz que a utopia está no horizonte e que quando nós caminhamos dez passos, ela se afasta dez passos. Então, para que a utopia se nunca iremos alcançá-la? Ora, a utopia existe para que caminemos, a utopia existe para que não paremos nunca.

E qual é a nossa utopia? Aqui chamamos a atenção para um fato: não usem a expressão "direitos do homem", expressão consagrada pela Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, porque essa denominação não é, nos dias de hoje, politicamente correta. Os movimentos feministas canadenses, principalmente o de Quebec, chamaram atenção para esse fato. Devemos falar em Direitos Humanos, fundamentados na dignidade humana. Beatrice Maurer diz que o primeiro texto internacional que falou em dignidade humana foi na Declaração de Filadelfia, em 1944, em plena guerra. Essa Declaração sobre os princípios da Organização Internacional do Trabalho é que vai falar pela primeira vez em dignidade humana. Mas o que é dignidade? Um autor brasileiro, Márcio Sotero Felipe, define dignidade do seguinte modo: "Dignidade é um ente da razão, que basta-se por si mesma.", e acrescenta "Pode-se não ser feliz com dignidade, mas nunca se poderá ser feliz sem dignidade."

É esta dignidade humana que vai fundamentar todo o momento atual, mas isto já havia na Grécia, e lembramos também o grande intelectual inglês, o erudito que escreveu o livro "O Castelo do Barba Azul". George Steiner diz que todo intelectual vai ao passado porque é no passado que estão as nossas bases,

é no passado que estão as raízes do nosso pensamento. Daí precisarmos recorrer ao jurisnaturalismo racionalista de Hugo Grócio do século XVII e ao iluminismo do século XVIII, todos falando em Direitos Humanos, mas todos pensando sempre em Direitos Humanos pelo seu próprio Estado Nacional. Direitos Humanos no Estado Nacional. E o que se verificou é que, ao contrário, precisamos de Direitos Humanos para nos defender do próprio Estado. O grande violador dos Direitos Humanos não se chama Fernando Henrique Cardoso ou Fujimori, chama-se Brasil, chama-se Peru, são os Estados. E como proteger um cidadão sozinho do Estado? Só há um meio, fazer a proteção internacional.

A proteção internacional tem o seu começo em 1945, com a Carta da ONU. É extremamente recente. Em 1948 a ONU aprova a Declaração Universal dos Direitos Humanos e essa Declaração é uma afirmação de princípios que tem um valor moral, hoje transformada em costume internacional. Mas houve uma construção gradativa. Essa internacionalização leva a concluir os tratados de Direitos Humanos. Chamei a atenção para a indivisibilidade dos Direitos Humanos, o que quer dizer que os direitos civis e políticos são tão obrigatórios quanto os direitos econômicos, sociais e culturais. Mas aqui existe um problema. Nós, juristas, pertencemos a uma classe de privilegiados, nós somos bem alimentados, moramos bem e a maior parte dos autores só pensam nos direitos civis e políticos e se esquecem dos direitos econômicos e sociais, o direito ao trabalho, o direito à saúde, o direito à alimentação, o direito à moradia digna, o direito a uma remuneração que permita a indivíduo ter uma vida digna.

O próprio Alto Comissariado da ONU para os direitos econômicos, sociais e culturais, na última Conferência de Direitos Humanos da ONU, em Viena, há meia dúzia de anos, chamou a atenção para o seu não cumprimento. E o que faz esta globalização maldita? Ela ocasiona dialeticamente a idéia de localismo. E o localismo, como o etnocentrismo, procura corrigir a sensação provocada pela globalização dos que estão perdidos. A globalização dita os nossos valores, impondo, por exemplo, uma música psicodélica tocada em Nova Iorque, e tocada igualmente

no Rio de Janeiro, sem qualquer preocupação com as raízes da música brasileira, fazendo o brasileiro se sentir ameaçado.

Toda afirmação traz consigo uma negação e toda negação por si mesma é uma afirmação. Toda negação contém uma auto-afirmação inicial. Assim, nada mais sério do que uma nova afirmação para chegar a uma nova negação. Daí se entender que a dialética é devoradora dos homens, porque nunca acabamos de caminhar. É preciso pensar permanentemente. Precisamos aprender a viver nessa tristeza. Por outro lado, um dos problemas mais sérios no mundo de hoje, dos Direitos Humanos, é a universalidade. Os valores humanos são universais, mas os países africanos, por exemplo, criticam a todos nós por sermos imperialistas. Alegam que, quando queremos condenar a mutilação das mulheres, estamos praticando o imperialismo, atingindo a cultura deles e que o mundo deve respeitar a diversidade cultural. É verdade, mas acontece que a mutilação atinge a própria dignidade da mulher. Desde a década de 60, começou-se a defender mais enfaticamente os Direitos das Mulheres, principalmente a partir de 62. Contudo, a proteção passou a ser necessariamente internacional porque o fato de estar na Constituição não serve para nada.

Temos o Supremo Tribunal Federal, e eu uso a palavra no sentido técnico, que é profundamente reacionário. É o órgão da República que deve nos defender e não nos defende. É o grande cúmplice dos poderosos. Em nome do Direito, os banqueiros têm direito ao PROER¹, mas os senhores nunca viram ninguém dizer que em nome do Direito o pobre tem direito a esse Programa. Cabe advertir a todos, se desejam ser defensores dos Direitos Humanos, que essa é a grande bandeira, é a última ideologia que sobrou após a derrocada do socialismo.

¹ Programa de Estímulo à Reestruturação e Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional, em vigor a partir de novembro 1995.